

De Leão a Portugal: A Ordem Militar de Santiago

Luís Filipe Oliveira
Universidade do Algarve / I.E.M.

Resumo: A confraria de cavaleiros criada em Cáceres sob o patrocínio de Fernando II, em Agosto de 1170, teve uma fortuna diferente doutras agremiações peninsulares do mesmo género. Ao contrário destas, não perdeu importância, nem foi absorvida por instituições mais poderosas. Através da associação ao arcebispo de Santiago a 12 Fevereiro de 1171, num acordo que a colocou sob a protecção deste, transformou-se numa milícia religiosa, cujo modo de vida foi depois consagrado por Roma, que fez dela uma instituição da Igreja Universal. Neste trabalho, retoma-se a análise das circunstâncias da instalação dos freires no reino de Portugal, ocorrida ainda antes do reconhecimento da ordem pela Santa Sé, assim como o papel que eles tiveram na defesa das fronteiras do reino e na luta contra os muçulmanos durante os séculos XII e XIII. A análise não esquece, porém, que a ordem era uma estrutura hierarquizada, que tinha as suas estruturas centrais em Leão, e, depois, em Castela, e que movia homens e recursos entre os diversos reinos. Nem os problemas que essas transferências colocavam à afirmação da autoridade dos monarcas, pelo menos até finais do século XIII, quando os freires se separaram da sede em Castela e criaram um mestrado provincial, sujeito à vontade do rei e circunscrito às fronteiras do reino de Portugal.

Palavras-chave: Confraria, Hierarquia, Mobilidade, Financiamento, ordem nacional.

De León a Portugal: la Orden Militar de Santiago

Resumen: La hermandad de caballeros creada en Cáceres bajo el patrocinio de Fernando II, en agosto de 1170, tuvo una fortuna diferente a otras asociaciones peninsulares del mismo tipo. A diferencia de ellas, no ha perdido importancia, ni ha sido absorbida por instituciones más poderosas. A través de su asociación con el arzobispo de Santiago, el 12 de febrero de 1171, en un acuerdo que la puso bajo su protección, se transformó en una milicia religiosa, cuyo estilo de vida fue consagrado por Roma, lo que la convirtió en una institución de la Iglesia Universal. En este trabajo se reanuda el análisis de las circunstancias de la instalación de los caballeros en el reino de Portugal, que ocurrió incluso antes del reconocimiento de la orden por parte de la Santa Sede, así como el papel que tuvieron en la defensa de las fronteras del reino y en la lucha contra los musulmanes durante los siglos XII y XIII. Sin embargo, el

análisis no olvida que la orden era una estructura jerárquica, que tenía sus estructuras centrales en León, y más tarde en Castilla, y que movía hombres y recursos entre los diferentes reinos. Tampoco los problemas que planteaban estas transferencias a la afirmación de la autoridad de los monarcas, al menos hasta finales del siglo XIII, cuando los santiaguistas portugueses se separaron del cuartel general de Castilla y crearon una maestría provincial, sujeta a la voluntad del rey y circunscrita a las fronteras del reino de Portugal.

Palabras clave: hermandad, jerarquía, movilidad, financiación, orden nacional.

From León to Portugal: The Military Order of Santiago

Abstract: The knights' confraternity created in Cáceres by Fernando II, in August 1170, had a different fortune from other peninsular brotherhoods of the same kind. Unlike these, it did not lose importance, nor was it absorbed by more powerful institutions. It became a religious militia through its association with the archbishop of Santiago on 12 February 1171, in an agreement that placed the confraternity under his protection. Its existence and rule was later consecrated by Rome, which made it an institution of the Universal Church. This paper resumes the circumstances under which the brethren were invested in the kingdom of Portugal, which occurred even before the recognition of the order by the Holy See, as well as the role they played in defending the kingdom's borders and in the fight against Muslims in the 12th and 13th centuries. The analysis does not forget, however, that the order had a hierarchical structure, with its central structures in León, and later in Castile, and which moved men and resources between the different kingdoms. The problems that these transfers posed did not affect the assertion of the monarchs' authority, at least until the end of the 13th century, when the brethren separated from their headquarters in Castile and created a provincial mastership, subject to the king's will and confined to the borders of the kingdom of Portugal.

Keywords: Brotherhood, Hierarchy, Mobility, Financing, national order.

De León a Portugal: a Orde Militar de Santiago

Resumo: A irmandade de cabaleiros creada en Cáceres baixo o patrocinio de Fernando II, en agosto de 1170, tivo unha fortuna diferente a outras asociacións peninsulares do mesmo tipo. A diferenza delas, non perdeu importancia, nin foi absorbida por institucións máis poderosas. A través da súa asociación co arcebispo de Santiago, o 12 de febreiro de 1171, nun acordo que a puxo baixo a súa protección, volveuse nunha milicia relixiosa, cuxo estilo de vida foi consagrado por Roma, o que a converteu nunha institución da Igrexa Universal. Neste traballo continúaase coa análise das circunstancias da instalación dos cabaleiros no reino de Portugal, que aconteceu mesmo antes do recoñecemento da orde por parte da Santa Sé, así como o papel que tiveron na defensa das fronteiras do reino e na loita contra os musulmáns durante os séculos XII e XIII. Non obstante, a análise non esquece que a orde era unha estrutura xerárquica, que tiña as súas estruturas centrais en León, e máis tarde en Castela, e que movía homes e

recursos entre os diferentes reinos. Tampouco os problemas que formulaban estas transferencias á afirmación da autoridade dos monarcas, polo menos ata finais do século XIII, cando os santiaguistas portugueses se separaron do cuartel xeral de Castela e crearon unha mestría provincial, suxeita á vontade do rei e circunscrita ás fronteiras do reino de Portugal.

Palabras clave: irmandade, xerarquía, mobilidade, financiamento, orde nacional.

A confraria de cavaleiros criada em Cáceres sob o patrocínio de Fernando II, em Agosto de 1170, teve uma fortuna diferente doutras agremiações peninsulares do mesmo género, como as irmandades de Belchite e de Monreal, ou as milícias de Ávila e de Toledo¹. Ao contrário destas, não perdeu importância, nem foi absorvida por instituições mais poderosas. Tal destino não ficou a dever-se ao apoio do monarca, nem a uma vocação diversa — todas contavam com o auxílio da Coroa e todas se comprometiam a combater os muçulmanos e a defender as fronteiras dos reinos respectivos, unindo a guerra à oração. Aquilo que a distinguiu nesse contexto, foi a associação ao arcebispo de Santiago a 12 Fevereiro de 1171, num acordo que a colocou sob a protecção deste e a transformou numa milícia religiosa². Os confrades que dela faziam parte foram então recebidos como vassallos do apóstolo e passaram a combater sob a sua bandeira, ao mesmo tempo que eram nomeados como freires e membros de uma Ordem de Santiago. Além do aumento das rendas e do património, a ligação a Santiago também erodia o laço com Cáceres e abria outros horizontes, com a promessa de direitos sobre as futuras conquistas de Albuquerque e de Mérida. Segundo D. Lomax, a relação com Santiago foi decisiva na organização da ordem e na sobrevivência desta³, mas é provável que o patrocínio do apóstolo tenha sido essencial para a divulgar fora do reino de Leão e para lhe dar uma dimensão peninsular. Em Maio de 1172, quando anexou a confraria dos freires de Ávila, já a milícia se dispunha a expulsar os mouros da Hispânia e a combatê-los

-
- 1 Rassow, P., "La cofradía de Belchite," *Anuario de Historia del Derecho Español*, nº 3 (1926), pp. 200–226; Lourie, H., "The Confraternity of Belchite, the Ribat, and the Temple", *Viator: Medieval and Renaissance Studies*, vol. 13 (1989), pp. 159-176, republ. em *Crusade and Colonisation*. Aldershot, 1990, nº II; Demurger, A., "Belchite, le Temple et Montjoie: la couronne d'Aragon et le Temple au XII^e siècle", em *Knighthoods of Christ: Essays on the History of Crusades and the Knights Templar, Presented to Malcom Barber*, ed. Norman Housley, Aldershot, 2007, pp. 123-135. Para Ávila, Toledo e Cáceres, Lomax, D., *La Orden de Santiago, 1170-1275*, Madrid, 1965, pp. 2-6; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden militar de Santiago, 1170-1195*, Barcelona, 1974, pp. 15-19, 25-26; Vann, Th. M., "A New Look at the Foundation of the Order of Calatrava", em *On the Social Origins of Medieval Institutions: Essays in Honor of Joseph O'Callaghan*, ed. Donald J. Kagay, Theresa M. Vann, Leiden, 1998, pp. 93-114; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas en la Edad Media (siglos XII-XV)*, Madrid, 2003, pp. 119-136. Para um panorama, Carraz, D., "Confréries Militaires", em *Prier et Combattre. Dictionnaire européen des ordres militaires au Moyen Âge*, dir. Nicole Bériou, Philippe Josserand, Paris, 2009; Carraz, D., "Precursors and Imitators of the Military Orders: Religious Societies for defending the faith in the Medieval West (11th to 13th Centuries)", *Viator: Medieval and Renaissance Studies*, vol. 41- 2 2010, pp. 91-111.
 - 2 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 5-6; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, doc. nº 42, pp. 212-215.
 - 3 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, p. 5.

em Marrocos, ou na Terra Santa, se necessário fosse⁴. Com tal programa, não admira que a Ordem de Santiago despertasse igualmente a atenção dos monarcas de Castela e de Portugal⁵, embora estes estivessem mais interessados em enfraquecer a conexão dos freires com o rei de Leão, atraindo-os para a sua esfera de influência.

A Implantação da Ordem no Reino

A instalação da ordem em Portugal data, pois, dos seus tempos fundacionais. Em Junho de 1172, o monarca doava ao mestre, ao conde Rodrigo e à Ordem a vila de Arruda, situada a norte de Lisboa, para três meses depois lhes entregar o castelo de Monsanto, junto à fronteira com o reino de Leão⁶. No ano seguinte, também os responsabilizou pela fortaleza de Abrantes, erguida sobre a linha do Tejo, vindo a confiar-lhes, ainda antes de 1175, os castelos de Almada e de Alcácer, que resguardavam o flanco sul de Lisboa⁷ (Mapa 1). Dada a coerência destas doações — bens na retaguarda, castelos na fronteira —, o monarca não só os aliciava para a fronteira do Tejo, sob a crescente pressão dos exércitos almóadas, como tentava minorar a ameaça associada a uma ordem militar fundada pelo rei de Leão. A estratégia não era nova, nem própria do reino⁸, mas o contexto era favorável. A regra da Ordem ainda não fora ratificada por Roma e havia, por certo, algumas reticências às disposições que admitiam a profissão de freires casados, sobretudo antes de o concílio de Sória ter admitido, em 1173, tal modo de vida⁹. Os dados do problema alteraram-se depois com a protecção da Santa Sé¹⁰, que se sobrepôs ao vínculo com Compostela e que fez da milícia uma instituição da Igreja, num cenário também marcado pela perda de Cáceres e pela transferência para Uclés¹¹, mas a aposta do monarca fazia

4 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., doc. n.º 53, p. 227: “Si, quod accidat, sarracenis ab Yspanie citra mare propulsis, in terra de Marrocos magister et capitulum ire proposuerit, illic et eos adiuvare sicut fratres non desistant. Similiter et, si necesse fuerit, in Iherusalem”. Ao contrário do que sugeriu este autor (*ibidem*, p. 30 e nt. 38), o facto não o revela o carácter nacional da ordem, mas antes um itinerário, ou, quando muito, uma ordem de prioridades.

5 Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, op. cit., pp. 121-122.

6 *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, ed. Rui de Azevedo, Lisboa, 1958, vol. I, n.º 311 e 315; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., docs. n.º 54 e 56.

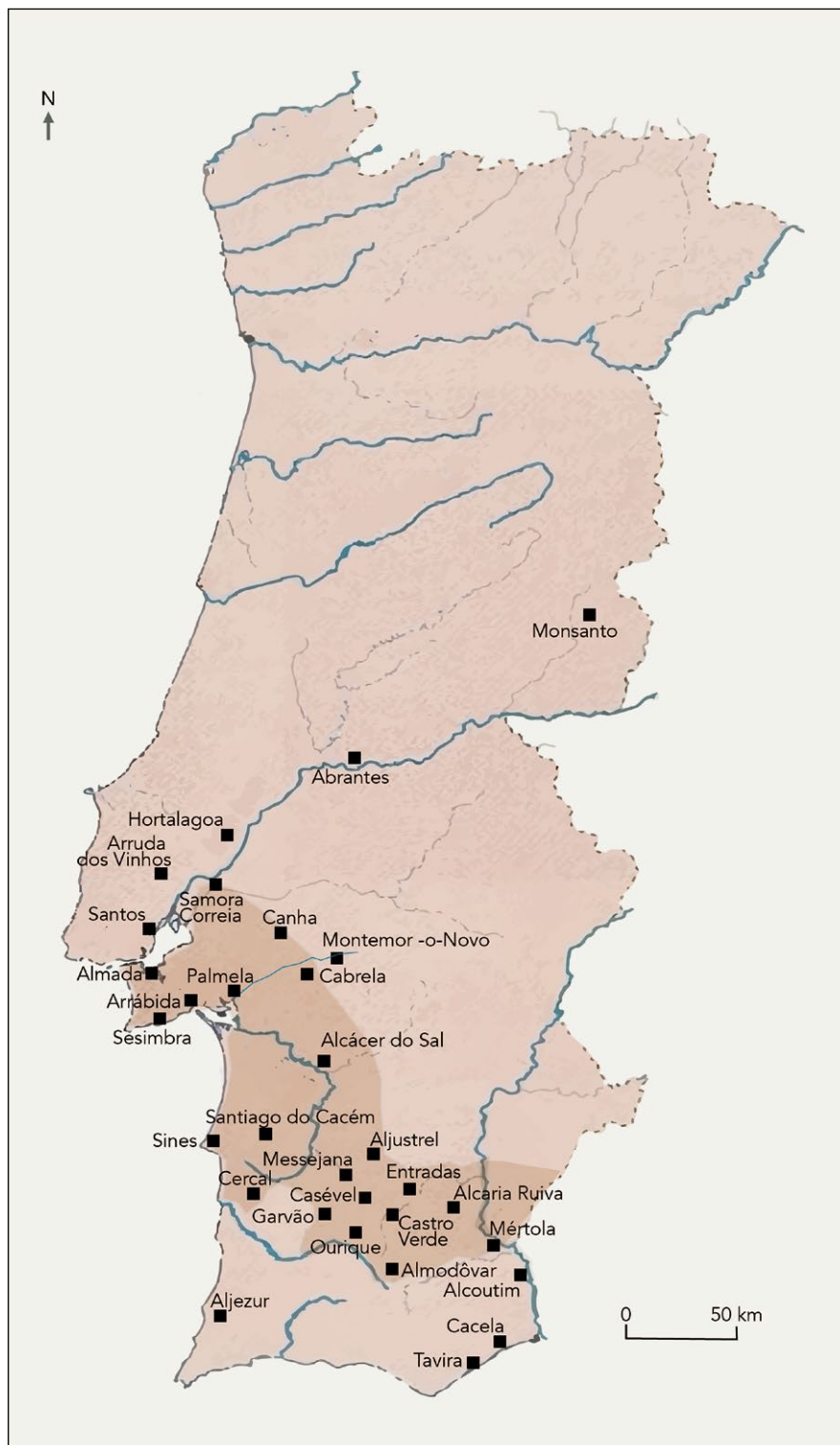
7 *Documentos Medievais Portugueses*, vol. I, n.º 317; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., n.º 63 e 73.

8 Para estratégia idêntica, adoptada por Afonso IX de Leão em relação à Ordem do Templo, Ayala Martínez, C., “Frontera Castellano-Portuguesa Y Ordenes Militares. Problemas de Jurisdicción (ss. XII-XIII)”, em *Jornadas de Cultura Hispano-Portuguesa*, ed. Vicente Alvarez Palenzuela, Madrid, 1999, pp. 61-62, 68. Para os bens do Templo na região de Cória, Martínez Díaz, G., *Los Templarios en la Corona de Castilla*, Burgos, 1993, pp. 39-40, 118 e ss.

9 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, op. cit., p. 6; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, op. cit., pp. 124-125.

10 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., n.º 73. Em Março de 1173 (*ibidem*, n.º 59), já Alexandre III recebera a Ordem sob a sua protecção.

11 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, op. cit., pp. 7, 34; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, op. cit., p. 122.



Mapa 1. Os Domínios da Ordem de Santiago (Castelos, Comendas e Igrejas).

sentido no contexto anterior. De resto, fora acompanhada pelas devidas cautelas, patentes nas doações de 1172, quando se exigiu que os bens ficassem nas mãos dos freires do reino e que estes acolhessem o rei e os seus sucessores no castelo de Monsanto em qualquer circunstância, quer em guerras contra muçulmanos, quer contra cristãos¹². A precaução não era despropositada, dados os confrontos recentes com o rei de Leão¹³, mas isso não significa que a milícia aceitasse intervir nos conflitos entre cristãos. Ao contrário do que por vezes se admite¹⁴, à época não era esse um costume observado pelas ordens militares¹⁵.

Era mais difícil que a Ordem pudesse guarnecer todos os castelos e acorrer a todas as frentes, já que os recursos desta não seriam muitos e era enorme o território que lhe fora confiado pelas doações dos monarcas¹⁶. Em caso de necessidade, não seria menor a predisposição para concentrar os efectivos em Leão, já que a maior parte dos cavaleiros seria originária desse reino e Fernando II era identificado como o fundador da milícia¹⁷. Foi provavelmente o que se observou durante as incursões almóadas de 1173-74, quando a Ordem perdeu Cáceres e os restantes castelos da região¹⁸. É certo que esta podia escusar-se com as tréguas que Castela e Portugal mantinham nessa época com os almóadas¹⁹, mas tal abandono justificava a perda dos castelos de Monsanto e de Abrantes, que já não aparecem entre os bens citados pela bula de 1175²⁰. A circunstância despertou, por certo, as velhas suspeitas sobre a fidelidade leonesa dos freires de Santiago, até porque o conde Rodrigo Álvares, o

12 *Documentos Medievais Portugueses*, vol. I, nº 315; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden*, nº 56: “tali videlicet conditione ut ipse commendator qui baiulationem huius Ordinis in terra mea tenuerit, teneat semper illud castellum (...) et recipiat semper in illud filium meum et filiam meam reginam donnam Tharasiam, si regnum meum tenuerit, et homines eorum in negocijs et guerris suis tam christianorum quam sarracenorum”.

13 Barroca, M. J., “A História das Campanhas”, em *Nova história militar de Portugal*, dir. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. I, coord. José Mattoso, Lisboa, 2003, pp. 45-47; Branco, M. J., *D. Sancho I*, Lisboa, 2005, pp. 57-67; Mattoso, J., *D. Afonso Henriques*, Lisboa, 2006, pp. 230-246.

14 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, pp. 64-65, 82-83; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, *op. cit.*, pp. 488-490; Mattoso, J., *D. Afonso Henriques...*, *op. cit.*, p. 249.

15 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 30-31; Forey, A., “The Military Orders and the Spanish Reconquest in the twelfth and thirteenth centuries”, *Traditio*, vol. 40 (1984), pp. 216-218. Datam apenas de meados do XIII os primeiros testemunhos da colaboração dos freires nesses conflitos, Lomax, D., “Las órdenes militares en León durante la Edad Media”, em *León medieval. Doce estudios*, León, 1978, p. 88; Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans la Péninsule Ibérique: Les Ordres Militaires dans le royaume de Castille (1252-1369)*, Madrid, 2004, p. 236-237. Para a guerra contra heréticos e cismáticos, Forey, A., “The Military Orders and Holy War against Christians in the Thirteenth Century”, *English Historical Review*, nº 104 (1989), pp. 1-24, republ. em *Military Orders and Crusades*, Farnham, 1989, nº VII.

16 Para idêntica observação, Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, p. 63.

17 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, p. 29; Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, p. 60.

18 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, p. 63.

19 Huici Miranda, A., “Las Campañas de Ya' Qub Al-Mansur en 1190-1191”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2ª série, vol. 5 (1954), p. 73; Huici Miranda, A., *Historia Política del Imperio Almohade, fac-simil da ed. de 1965*, Granada, 2000, t. I, p. 271; Picard, Ch., *Le Portugal Musulman (VIII-XIII siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Paris, 2000, p. 233; Mattoso, J., *D. Afonso Henriques*, *op. cit.*, pp. 246-247.

20 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, nº 73. Com base na menção da bula de 1180 a Abrantes, o autor (*ibidem*, p. 83) defende que a Ordem manteve a posse do castelo até 1179, mas a bula atesta a doação, não a posse.

interlocutor preferido do monarca até então²¹, abandonara a milícia em 1174 para fundar outra instituição militar, a de Montegaudío, no reino de Aragão²². Pouco tardou para que a desconfiança se avolumasse ainda mais, em resultado do apoio do mestre de Santiago a Fernando II de Leão, quando este derrotou Sancho I no Verão de 1179, junto a Cidade Rodrigo²³. Nada indica que os freires tivessem lutado contra a hoste portuguesa, como por vezes se sugere, e aquele auxílio resumiu-se, ao que parece, à oferta do cavalo com que o rei de Leão entrou na batalha²⁴, mas o facto era revelador, mesmo assim, de uma quebra de lealdade, que não era fácil ficar esquecida. Como há muito avançou José Luís Martín²⁵, é muito provável que a Coroa tivesse então confiscado todos os bens que a Ordem detinha no reino, quer dizer, a vila de Arruda e os castelos de Alcácer e de Almada.

Não há testemunhos directos deste confisco, embora a maior parte dos investigadores não duvide da sua existência²⁶. A bula de Julho de 1180 nada esclarece nesse sentido, porque nela apenas se confirmaram as doações mais recentes à milícia²⁷, entre as quais estava o castelo de Abrantes e as dízimas das igrejas da vila, sem que o facto mais ateste que o direito dos freires, não a posse do castelo naquela data. Uma bula três anos posterior pouco mais adianta, elencando somente as vilas de Alcácer, de Almada e de Arruda, as mesmas que haviam sido arroladas pela bula de fundação²⁸. Trata-se, porém, de uma bula de confirmação, sendo normal, por isso, que se repetissem nela os termos da anterior, aos quais se juntou, contudo, o rol do património adquirido no exterior da península, em França, na Flandres e na Inglaterra²⁹. O único indício do confisco de 1179 encontra-se, por isso, na doação que Sancho I fez ao mestre Sancho Fernández, em Outubro de 1186, das vilas e castelos

21 Como notou Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., p. 82 e nt. 128, é provável a amizade do conde com Afonso Henriques, o qual só em Portugal surge como destinatário de doações à ordem. Na doação de Abrantes atrás citada, fora ele o primeiro destinatário, ainda antes do mestre.

22 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., pp. 38 e nt. 89, 55. Também Forey, A., "The Order of Mountjoy", *Speculum*, vol. 46-2 (1971), pp. 250-266; Mur i Raurell, A., *La Encomienda de San Marcos: La Orden de Santiago en Teruel (1200-1556)*, Teruel, 1988, pp. 42-46; Demurger, A., "Belchite, le Temple et Montjoie", op. cit., pp. 133-134.

23 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., p. 84; Mattoso, J., *D. Afonso Henriques*, op. cit., p. 250; Branco, M. J., *D. Sancho I*, op. cit., pp. 87-89, 112.

24 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., p. 84, nº 100 (de 8-1179). Para a perspectiva contrária, além dos títulos citados na nota anterior, Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, op. cit., p. 489.

25 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., p. 84.

26 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago: das origens a 1327*. Porto, dissertação de mestrado policopiada, Porto, Faculdade de Letras-Universidade do Porto, 1991, p. 38; Branco, M. J., *D. Sancho I*, op. cit., p. 112; Mattoso, J., *D. Afonso Henriques*, op. cit., p. 250; Oliveira, L. F., "A ordem de Santiago e a conquista das terras do Sul (sécs XII-XIII)", *La Orden Militar de Santiago. Fortificaciones y Encomiendas. Actas del Congreso. Cuadernos de Estepa*, nº 3 (2014), pp. 90-91.

27 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., nº 110. Para as doações dos bens então listados, *ibidem*, nº 79, 86, 90, 100, 106, 108.

28 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., nº 168.

29 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, op. cit., pp. 89-90. Para a ordem em França, Benito Ruano, E., "La Orden de Santiago en Francia", em *Estudios Santiaguistas*, León, 1978, pp. 235-291; Jossierand, Ph., "L'ordre de Santiago en France au Moyen Âge", em *Saint-Jacques et la France. Actes du colloque des 18 et 19 janvier 2001 à la Fondation Singer-Polignac*, ed. Adeline Rucquoi, Paris, 2003, pp. 451-468.

que haviam sido da milícia no passado — Arruda, Almada e Alcácer —, agora acrescentados pela praça de Palmela³⁰. Nela nada se diz sobre a posse e o anterior estatuto desses bens, nem sobre o que motivou a nova doação. Mas é possível que esta possa ser olhada como prémio pela participação de alguns freires na defesa de Santarém em 1184, como parte da hoste leonesa vinda em auxílio de Sancho I³¹. A circunstância de ser outro o mestre de Santiago em 1186 pode ter igualmente facilitado o esquecimento das tensões anteriores e permitido um novo entendimento com o monarca, ocorrido num momento em que todos os combatentes eram necessários, por causa do aumento da actividade militar nas fronteiras do reino³².

Mas as condições com que em 1186 se restabelecera a presença dos freires não eram as mesmas. Não apenas porque não recuperaram todo o património que lhes fora doado, nem porque ficaram então formalmente obrigados a obedecerem e a servirem o monarca e os seus sucessores — *tali videlicet condicione ut michi et filiis meis et nostris succesoribus cum eis obediendo serviatis*. Com a junção do castelo de Palmela aos de Alcácer e de Almada, também se alterou a geografia da implantação da Ordem, afastando-a da fronteira leste e do reino de Leão. A missão desta reduzia-se agora à defesa da fronteira de Lisboa e a península de Setúbal transformava-se, assim, no seu espaço de eleição. Foi em Alcácer, naquela que era a praça mais meridional, que se instalou o convento associado à comenda do reino, a acreditar, pelo menos, numa disposição do testamento de Sancho I, talvez de finais dos anos oitenta, que agraciou os *freires de Alcácer* com diverso equipamento militar³³. O legado reconhecia e apoiava o esforço militar desenvolvido pela Ordem a partir de Alcácer, do qual não há muitas notícias, embora seja provável que esta fosse responsável por várias operações de fronteira, pouco depois recordadas pelo cruzado alemão da tomada de Silves³⁴. Os freires também cooperaram na conquista desta cidade em 1189, quando se integraram na hoste régia e o cruzado alemão os confundiu com cavaleiros de Jerusalém³⁵, sendo depois beneficiados com alguns bens no termo de Silves³⁶.

30 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, n.º 211; *Documentos de D. Sancho I*, ed. Rui de Azevedo, Avelino J. da Costa e Marcelino Pereira, Coimbra, 1979, n.º 14.

31 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 38-39; Branco, M. J., *D. Sancho I*, *op. cit.*, pp. 97-98. Para uma análise do episódio, *ibidem*, pp. 93 e ss. Para dúvidas sobre a presença dos freires na hoste leonesa, dada a morte do mestre Pedro Fernández em 27 de Junho desse ano, Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, p. 76.

32 Barroca, M. J., “A História das Campanhas”, *op. cit.*, pp. 48-49; Henriques, A. C., *Conquista do Algarve (1189-1249)*. *O Segundo Reino*, Lisboa, 2003, pp. 18-22; Branco, M. J., *D. Sancho I*, *op. cit.*, pp. 91-98.

33 *Documentos de D. Sancho I*, n.º 31 (post. a 24-III-1188): “*Equos et azimelas et loricas et tota arma que habeo et sellas et frena et mauros et mauras iubeo diuidere inter fratres de Elbora et de Alcazar*”.

34 Segundo o cronista, a região entre Lisboa e Silves estava desabitada devido às incursões contínuas, ora feitas por cristãos, ora pelos muçulmanos, *Narratio de Itinere Navali Peregrinorum Hierosolymam Tendentium et Silviam Capientium A. D. 1189*, ed. Charles Wendell David, *Sep. de Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 81, n.º 5, 1939, p. 635. Para a tradução portuguesa, *Relação da Derrota Naval, Façanhas, e Sucessos dos Cruzados que Partirão do Escalda para a Terra Santa no Anno de 1189*, ed. João Baptista da Silva Lopes, Lisboa, 1844.

35 *Narratio de Itinere Navali*, p. 630: “*Iherosolimitani milites qui ferunt gladios in vestibus, qui ducunt uxores, et assidue movent guerram Sarracenis et tamen regulariter vivunt*”.

36 *Documentos de D. Sancho I*, n.º 42 (XII-1189). Também Oliveira, L. F., “Silves”, em *Prier et Combattre. Dictionnaire européen*, *op. cit.*

Com as campanhas almóadas de 1190-1191, que retomaram Silves e levaram a fronteira à linha do Tejo³⁷, o património da milícia reduzir-se-ia, no entanto, à vila de Arruda, já que ela foi incapaz de manter os castelos a Sul de Lisboa.

Da defesa de Lisboa à conquista de Alcácer

Ainda que a casa da Arruda albergasse uma comunidade mista, atestada desde Setembro de 1207³⁸, a maior parte dos freires ter-se-á acomodado em Lisboa. A recente situação fronteiriça da cidade justificava essa opção. Se é provável que a Ordem nela possuísse instalações próprias, posto que estas só se documentem em 1220, quando foram localizadas na cerca moura³⁹, foi em Lisboa que o monarca lhe cedeu a casa e a herdade dos Santos Mártires, em Fevereiro de 1194, para que se fundasse um convento de freires clérigos e se ordenasse um cemitério⁴⁰. O projecto demorou a concretizar-se, em parte porque, naquela data, já os freires tinham recuperado Palmela e alojado nela a comenda e o convento da milícia⁴¹. As suas atenções voltaram-se, pois, para esta, e, em Abril de 1195, obtinham licença do bispo de Lisboa para erguerem uma igreja no arrabalde da vila, destinada à sepultura dos freires e dos seus homens, ou de quem mais aí se fixasse⁴². Não se conhece o resultado desta iniciativa, mas a arqueologia resgatou no castelo uma necrópole com 16 inumações dos séculos XII e XIII, da qual se exumou uma insígnia da ordem de Santiago e uma cruz antefixa⁴³. Junto dela, também se detectou uma estrutura de planta rectangular, além de outras construções coevas, tendo o conjunto sido interpretado como os vestígios de uma capela e das antigas instalações conventuais⁴⁴. Nem todos os recursos se dirigiam para a vila de Palmela, e, por essa época, a ordem promovia a

37 Huici Miranda, A., “Las Campañas de Ya’ Qub...”, *op. cit.*, pp. 60-69; Huici Miranda, A., *Historia Política del Imperio...*, *op. cit.*, pp. 347-357; Henriques, A. C., *Conquista do Algarve...*, *op. cit.*, pp. 44-49; Branco, M. J., *D. Sancho I*, *op. cit.*, pp. 141-147.

38 *Bulário Português: Inocência III (1198-1216)*, ed. Avelino Jesus da Costa, Maria Alegria Marques, Lisboa, 1989, nº 127 (17-IX-1207).

39 Vargas, J. M., “O património das Ordens Militares em Lisboa, Sintra e Torres Vedras, segundo uma inquirição do reinado de Afonso II”, em *Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura. Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Palmela, 22-25 de Junho de 1998*, Lisboa, 1999, 2º vol., p. 113. Ao contrário do que aí diz o autor, as casas da milícia ficavam na freguesia de S. João (*ibidem*, p. 121), não na de Santiago.

40 *Documentos de D. Sancho I*, nº 71 (1-II-1194). Para a comenda e o mosteiro de Santos, Oliveira, L. F., “O mosteiro de Santos, as freiras de Santiago e o culto dos Mártires”, em *Olhares Sobre a História. Estudos oferecidos a Iria Gonçalves*, dir. Maria Rosário Themudo Barata, Luís Krus, Lisboa, 2009, pp. 429-436.

41 A retoma de Palmela deve situar-se entre Maio de 1193 (*Documentos de D. Sancho I*, nº 64), data da doação de bens em Santarém, e Fevereiro de 1194, quando o comendador e o prior de Palmela foram citados na doação da casa de Santos, Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 40-41, 61-62.

42 Oliveira, L. F., “O mosteiro de Santos...”, *op. cit.*, p. 430.

43 Fernandes, I. C., Antunes, L. P., “Contributo para o estudo da iconografia santiaguista: uma insígnia proveniente de contexto arqueológico do Castelo de Palmela”, *Ordens Militares. Guerra, Religião, Poder e Cultura*, *op. cit.*, 2º vol., pp. 373-384.

44 Fernandes, I. C., *O Castelo de Palmela. do islâmico ao cristão*, Lisboa, 2004, pp. 262-265.

construção da torre e cerca de Belmonte, situada junto à ribeira de Canha, no extremo nordeste do termo e em direcção a Coruche. Segundo um diploma de 17 de Setembro de 1207, era de igual modo para estas obras que se canalizavam as rendas e as dízimas captadas pela casa de Arruda⁴⁵, além de algumas outras, certamente.

A acção dos freires de Palmela, como agora se nomeavam, às vezes, os cavaleiros de Santiago⁴⁶, não se limitou à defesa do território. Devem datar dessa época os primeiros esforços para organizar o povoamento, sobretudo nas zonas do termo confinantes com Coruche e Évora, como sugere o facto de as vilas de Canha e de Cabrela já surgirem numa inquirição de 1220⁴⁷. A colonização do litoral parece ter arrancado depois, embora o alcaide de Setúbal esteja atestado desde 1235 e a casa fortificada de Mouguelas deva ser dessa época⁴⁸. Todas estas iniciativas se terão limitado, assim, ao espaço a Norte e a Este da foz do Sado, como se a consolidação da fronteira cristã fosse um passo no caminho até Alcácer. Das cavalgadas contra as muralhas e os arredores desta cidade nada se sabe, mas elas deviam ser frequentes nos primeiros anos do século XIII, alimentadas pela expectativa de roubos e de saques, ou pela esperança de desgastar as defesas de uma fortaleza que já fora do senhorio da Ordem. Ainda que a conquista resultasse, ao que parece, da determinação do bispo de Lisboa, os freires de Santiago participaram no cerco de Alcácer em 1217, que contou com a colaboração de uma frota da 3ª Cruzada e em cujos combates se destacou o comendador de Palmela, Martim Pais Barregão⁴⁹. Da ressonância destes feitos resultou, talvez, a sua eleição como mestre de Uclés por finais desse ano, num trajecto que seria imitado por outros comendadores do reino, como Fernão Peres de Chacim, ou Paio Peres Correia, este já por meados do século XIII⁵⁰.

Com a recuperação de Alcácer, doada por Afonso II em Janeiro de 1218⁵¹, a Ordem deslocou o convento para a alcáçova da cidade, alojando-o por certo no antigo

45 *Bulário Português: Inocêncio III*, nº 127. Para o castelo de Belmonte, com capela de S. João atestada em 1252, Oliveira, Luís Filipe, “Dos Castelos às Ordens Militares: Os espaços da vida religiosa e comunitária”, em *Castelos das Ordens Militares. Actas de Encontro Internacional*, ed. Isabel Cristina Fernandes, Lisboa, 2013, 2º vol., p. 396.

46 Entre outras, é dessa forma que eles são designados no testamento de Afonso II, de Novembro de 1221, Veloso, M. T., *D. Afonso II – Relações de Portugal com a Santa Sé durante o seu reinado*, Coimbra, 2000, nº 1 c.

47 Vargas, J. M., “O património das Ordens Militares em Lisboa...”, *op. cit.*, pp. 114, 121.

48 *Portvgaliae Monumenta Historica. Leges et Consuetudines*, Lisboa, 1863-1868, pp. 626-627. Para Mouguelas, Vargas, J. M., “Mouguelas: uma comenda da Ordem de Santiago no termo de Setúbal”, em *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental. Actas do IV Encontro Sobre Ordens Militares, (Palmela, 30 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 2002)*, ed. Isabel Cristina Fernandes, Lisboa, 2005, pp. 485-515. Para as dificuldades no povoamento de Sesimbra, só doada à ordem em 1236, Oliveira, J.A., *Na Península de Setúbal, em finais da Idade Média: organização do espaço, aproveitamento dos recursos e exercício do poder*, Lisboa, 2013, pp. 91-94.

49 Pereira, M. T., “Memória cruzadística do feito da tomada de Alcácer (1217)”, em *D. Afonso Henriques e a sua época: actas do 2º Congresso histórico de Guimarães*, Guimarães, 1996, vol. 2, pp. 325, 337, 345

50 *Bullarium Equestris Ordinis S. Iacobi de Spatha*, ed. António Aguado de Cordova, Alfonso Aleman y Rosales, José Lopez Arguleta Madrid, 1719, catálogo dos mestres; Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 13-16; Ayala Martínez, C., “Las Ordenes Militares en el siglo XIII castellano. La consolidación de los maestrazgos”, *Anuario de Estudios Medievales*, nº 27 (1997), pp. 242-246.

51 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 46, 203.

palácio almóada, depois conhecido como a *mejsom* dos freires⁵². O empenho militar destes nos anos seguintes não foi muito significativo e dele não se conservou qualquer memória, embora a presença de dois adais num aforamento feito pelo comendador de Alcácer, em Janeiro de 1232, mostre que aqueles mantiveram a capacidade de organizar cavalgadas em terra de mouros⁵³. Talvez as suas energias se tenham sobretudo dirigido para o controle militar do termo, ou para ordenarem o povoamento deste, do qual há algumas notícias, infelizmente sem data⁵⁴. Mas fosse qual fosse a actividade por eles desenvolvida nesse período, atingiu certamente alguma notoriedade capaz de justificar, ao menos, a promoção do comendador de Alcácer, Fernão Peres de Chacim, a mestre de Uclés, em 1224⁵⁵. Se assim foi, como parece, tudo isso ganharia outra dinâmica quando Paio Peres Correia veio da comitiva do mestre para a comenda de Alcácer, ainda antes de Agosto de 1232⁵⁶. Não era provável que viesse sozinho, sem companheiros, sem planos, ou recursos, e o seu mandato deve ter originado uma reorganização da ordem no reino, tal como já foi sugerido⁵⁷. Desconhece-se o verdadeiro alcance dessa reforma, mas em 1235 já tinha renovado por completo os responsáveis da dezena de comendas do reino — Arruda, Santarém, Santos, Almada, Palmela, Setúbal, Canha, Cabrela e Montemor-o-Novo — e transferido as freiras da ordem para o mosteiro de Santos⁵⁸, em Lisboa, as quais deixaram de vez as acomodações que ocupavam na casa da Arruda. É provável, contudo, que Paio Peres se tenha sobretudo preocupado com o desempenho militar dos freires, em respeito pelo compromisso destes em proteger os fiéis e em combater os muçulmanos — *ecclesiam dei defendere, sarracenos impugnare*, era como a regra resumia os preceitos essenciais da sua missão⁵⁹. Eram eles que justificavam, afinal, a colocação de todos sob a figura tutelar do apóstolo Santiago, o patrono da Hispânia.

52 Oliveira, L. F., “Dos Castelos às Ordens Militares...”, *op. cit.*, p. 393. Para uma descrição, Pereira, M. T., *Os Cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal (século XII a fins do século XV)*, Lisboa, 2015, pp. 61-79.

53 Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, p. 93.

54 Veiga, A. C., “Ourique - Val de Vez”, *Anais da Academia Portuguesa de História*, nº 1 (1940), pp. 155-156. O povoamento revelado por esta memória de 1318 foi analisado por Durand, R., “Habitats fortifiés et organisation des pouvoirs au Portugal”, *Habitats fortifiés et organisation de l'espace en Méditerranée médiévale*, dir. in A. Bazzana, P. Guichard, J.M. Poisson, Lyon, 1983, sobretudo as pp. 73 e ss.

55 *Bullarium Equestris Ordinis S. Iacobi*, catálogo dos mestres.

56 López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre Pelay Pérez Correa*, Ciudad Real, 2001, p. 49. Está atestado em Alcácer a partir de Abril de 1233, Oliveira, L. F., “O mosteiro de Santos...”, *op. cit.*, p. 432 e nt. 33.

57 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 69. A existência de um plano comum foi sugerida a partir da sincronia com os avanços pelas fronteiras leonesa e castelhana, embora datando de 1234 a vinda de Paio Peres para Alcácer, Henriques, A. C., *Conquista do Algarve...*, *op. cit.*, p. 57.

58 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, 99, pp. 69-70; Oliveira, L. F., “O mosteiro de Santos...”, *op. cit.*, pp. 431-432. As comendas de 1235 foram listadas no foral de Canha, faltando a de Alcácer entre elas, enquanto Setúbal não era comenda e estava entregue a um alcaide, *Portugaliae Monumenta Historica. Leges*, pp. 626-627.

59 Leclercq, J., “La vie et la prière des chevaliers de Santiago d'après leur règle primitive”, *Liturgica*, 2 (1958), Montserrat, p. 354: “Tota sit omnium intentio ecclesiam dei defendere, sarracenos impugnare”. O mesmo na versão romance do século XIII, Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, 1965, pp. 225-226: “La entencion de todos sea en deffender la ecclesia de Dios por a Jhesu Christo dar sus animas e yr contra moros”.

A conquista e o domínio das terras do Sul

Na década de trinta do século XIII, os freires de Santiago tiveram, na verdade, um papel decisivo na conquista das planícies do Sul. À sua iniciativa se deveu a submissão do vale superior do Sado, com a conquista de Aljustrel quiçá em 1234, que Sancho II lhes doou em Março do ano seguinte, em penhor, dizia, do serviço que deles recebera⁶⁰. Uma memória posterior, de inícios do século XIV, sugere que a vila se transformou num novo centro de operações, onde se juntara um arsenal variado — *galeis, clipes, loriscis ac aliis armis pluribus* —, e a partir da qual se lançaram outras incursões em direcção ao Campo de Ourique e ao Guadiana⁶¹. Talvez pela dificuldade em transpor a serra algarvia, evocada por textos posteriores⁶², as campanhas dirigiram-se para o vale do Guadiana. Cerca de quatro anos após Aljustrel, os freires e o comendador de Alcácer, com o apoio, pelo menos, da hoste de Martim Anes do Vinhal⁶³, assenhorearam-se dos castelos de Mértola e de Alfajar de Pena, que controlavam a margem esquerda do rio. A partir de Mértola, que Sancho II lhes doou em Janeiro de 1239, para que nela alojassem o convento⁶⁴, progrediram para a foz do Guadiana. Nesse mesmo ano, ou mais provavelmente na Primavera do seguinte, colaboraram na conquista de Aiamonte e de Cacula, que o monarca lhes concedeu em Maio de 1240⁶⁵. Também na conquista destas praças litorais, que aconselhavam o recurso a forças navais para garantir um bloqueio adequado, os freires de Santiago não agiram isolados. Como há muito Alexandre Herculano assinalara, foi o que aconteceu, pelo menos, no assédio de Aiamonte, onde está documentada a presença da hoste régia⁶⁶. Através destas conquistas, os freires abriram assim uma outra frente no avanço das forças cristãs para Sul, a caminho de Sevilha, a antiga sede do

60 Herculano, A., *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III*, ed. José Mattoso, Lisboa, 1980, vol. II, pp. 433-434, 549-550; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 70-71; Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, pp. 93-94.

61 Veiga, A. C., “Ourique - Val de Vez”, *op. cit.*, doc. n.º 1, pp. 164-165, n.º 94: “expugnabantur infideles orthodoxe fidei inimici qui in locis circum morabantur uicinis, videlicet in Castris consistentibus in Campo qui dicitur Ourique, et durat per XV^{em} leucas et ultra et in Castro de Mertola et in Castris Regni Algarbii circum adiecentibus dicto Castro de Aliustre”. Esta memória foi preparada para o processo de autonomização do ramo português, cerca de 1318.

62 *Crónica de Portugal de 1419*, ed. crítica de Adelino de Almeida Calado, Aveiro, 1998, p. 146: «reçevom a graveza da pasajem da sera».

63 Azevedo, R., “Período de formação territorial: expansão pela conquista e sua consolidação pelo povoamento. As terras doadas. Agentes colonizadores”, em *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, ed. de A. Baião, H. Cidade e M. Múrias, Lisboa, 1937, vol. I, p. 64. O documento usado por Azevedo foi publicado por López Fernández, M., “Medina de las Torres y Martin Anes do Vinhal. Un repoblador português en tierras de Extremadura”, *Revista de Estudios Extremeños*, t. 58, n.º 2 (2002), pp. 517-537.

64 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 72; Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, pp. 95-96. O teor da doação régia, com a delimitação do termo, não permite datar a conquista de 1241, como sugeriu Rei, A., “A fronteira no sudoeste peninsular (1234-1242)”, *Arqueologia Medieval*, n.º 8 (2003), pp. 29-41.

65 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 73-74; Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, p. 96.

66 Herculano, A., *História de Portugal...*, *op. cit.*, vol. II, pp. 444, 465, 553, com base num obituário de Pombeiro.

poder almóada e que estava agora ao alcance dos guerreiros do Norte⁶⁷. Se haviam contado com o apoio do monarca, manifesto em várias ocasiões⁶⁸, ou com o concurso doutros combatentes, era inegável que lhes coubera a iniciativa e que boa parte das operações havia sido comandada pelo comendador de Alcácer. Devido por certo ao impacto destes triunfos, o capítulo de Novembro de 1241, celebrado em Leão e onde Paio Peres Correia participou, entregou-lhe a comenda-mor de Uclés, apenas para o eleger mestre da Ordem por finais do ano seguinte⁶⁹.

O controlo das praças da foz do Guadiana foi decisivo para as campanhas com que os freires de Santiago submeteram a maior parte das cidades do Algarve na década de quarenta do século XIII. São escassos, contudo, os testemunhos directos delas conservados e nem a doação de Tavira, feita ao mestre e à ordem em Janeiro de 1244, esclarece quais fossem os serviços por eles prestados⁷⁰. A memória destes feitos não desapareceu⁷¹, mas só há notícias mais detalhadas numa narrativa mais tardia, a *Crónica da Conquista do Algarve*, há muito descoberta em Tavira e hoje reconhecida como um extracto da *Crónica de Portugal de 1419*⁷². Apesar de apoiada em relatos mais antigos, como a *Crónica Perdida de Paio Peres Correia*⁷³, as notícias que ela transmite têm suscitado as reservas dos investigadores por alterarem a cronologia e a geografia dos sucessos⁷⁴, tal como eles se reconstituem através dos documentos de arquivo. Não só afastou os combates da fronteira do reino, sujeitando-os a um itinerário pelo interior, de Aljustrel a Estômbar e a Alvor⁷⁵, como omitiu as conquistas de Alfajar de Pena, de Aiamonte e de Cacela. A circunstância forçou o cronista

67 Para um panorama, Bishko, Ch. J., "The Spanish and Portuguese Reconquest 1095-1492", em *A History of the Crusades*, ed. H.W. Hazard, Madison, 1975, vol. 3, pp. 396-456. Para Portugal, Azevedo, R., "Período de formação territorial...", *op. cit.*, pp. 7-64; Barroca, M. J., "A História das Campanhas", *op. cit.*, pp. 58-62; Henriques, A. C., *Conquista do Algarve...*, *op. cit.*, pp. 57-71; Fernandes, H., *D. Sancho II*, Lisboa, 2006, pp. 187 e ss.

68 Herculano, A., *História de Portugal...*, *op. cit.*, vol. II, p. 553; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 73.

69 López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, *op. cit.*, pp. 50-51, 56-57.

70 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 76; Oliveira, L. F., "A ordem de Santiago e a conquista...", *op. cit.*, p. 97.

71 *Crónica Geral de Espanha de 1344*, ed. crítica de Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa, 1990, vol. IV, cap. 718, p. 242: "o meestre dom Paay Correa (...) tomou o demais do Algarve aos mouros".

72 Moreira, F. A., *A Crónica de Portugal de 1419: Fontes, Estratégias e Posteridade*, Lisboa, 2013, pp. 277-302. Para as primeiras edições desta narrativa, Santo Agostinho, Fr. J., "Sobre huma Chronica inedita da Conquista do Algarve", em *Memórias de Litteratura Portuguesa*, t. I, 1792, pp. 74-97; *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, Lisboa, 1861, vol. I, pp. 415-420.

73 Lomax, D W., "A Lost Medieval Biography: The *Corónica del Maestre Pelayo Pérez*", *Bulletin of Spanish Studies*, vol. 38 (1961), pp. 153-154. Para a relação com a *Crónica de 1419*, Lomax, D. W., *Las Ordenes Militares en la Peninsula Iberica Durante La Edad Media*, Sep. de *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiasticas en Espana*, nº 6 (1976), Salamanca, p. 50; Krus, L., "Crónica da Conquista do Algarve", em *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, coord. de G. Lancini e G. Tavani, Lisboa, 1993.

74 Por todos, Herculano, A., *História de Portugal...*, *op. cit.*, vol. III, pp. 21, 531 e as notas críticas de José Mattoso, *ibidem*, pp. 197-198, 587. Para a justificação dos avanços pela margem esquerda do Guadiana com bons argumentos geográficos, Garcia, J. C., "Alfajar de Pena. Reconquista e Repovoamento no Andevalo do Século XIII", em *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Porto, 1989, vol. III, pp. 907-925.

75 *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 146-147. Para interpretações que procuram salvaguardar os dados da *Crónica*, às vezes com argumentos mais discutíveis, Henriques, A. C., *Conquista do Algarve...*, *op. cit.*, pp. 57-58, 64 e ss.; López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, *op. cit.*, pp. 76-83, 80-92.

a inventar um escambo — os muçulmanos cederam Cacela, em troca de Estômbar e de Alvor⁷⁶ —, para reposicionar os freires na foz do Guadiana. Ao contrário destes episódios, quase todos descritos em breve⁷⁷, a narrativa ganhou maior vivacidade e riqueza de pormenores quando se descreveram as operações lançadas desde Cacela, como o ataque a Paderne, ou as batalhas do Desbarato e do Almargem⁷⁸. Talvez por se apoiarem nos relatos registados pela crónica perdida do mestre de Santiago.

Mas se aqueles factos são mais verosímeis, nenhum deles está datado e a sequência dos acontecimentos narrados pela *Crónica* não se adapta melhor aos dados conhecidos. A conquista de Tavira não pode ter sido dirigida por Paio Peres Correia se estiver certa a data de 9 de Julho de 1242 que a *Crónica* registou⁷⁹, porque ele se encontrava em Castela desde Novembro 1241, como já atrás se indicou. Outro tanto, ou quase, com as conquistas de Silves e de Paderne, ou com as de Loulé e de Aljezur, todas igualmente sem data, embora as primeiras sejam posteriores à tomada de Tavira e as outras surjam em resultado da conquista de Faro, por inícios de 1249⁸⁰. Ou mesmo com a participação de Paio Peres Correia no cerco e na rendição desta última cidade, ainda que se deva reconsiderar a hipótese de uma presença do mestre em Faro — se estava em Sevilha a 15 de Janeiro de 1249, deu foral a Setúbal em Março seguinte, talvez depois de se encontrar com o rei em Salir e de o escoltar até Faro, como quer o cronista⁸¹. Se este estava sobretudo interessado em recriar uma memória régia do reino e do passado, como sugere, aliás, a indicação que Paio Peres Correia se fizera vassalo de Afonso III em Salir, a minúcia com que se descrevem muitos destes sucessos atesta em favor da verosimilhança da narrativa. Tomada em conjunto, sem olhar a erros de data e a outras imprecisões, a *Crónica* parece confirmar, portanto, a importância dos freires de Santiago na conquista do Alentejo e do Algarve.

Em resultado desta actividade militar, mais intensa nos anos trinta e quarenta, a Ordem de Santiago estendeu notavelmente os seus domínios. Os termos de Alcácer e de Aljustrel, onde se erguiam algumas fortificações secundárias e se organizaram diversos núcleos habitados⁸², eram vastíssimos e garantiam-lhe o controlo

76 *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 147-148.

77 *Ibidem*, pp. 146 (25-27), 147 (1-26), 148 (1-5). As excepções têm carácter ficcional e são relativas ao modo como se dramatizaram as dificuldades de passagem da serra e então se valorizou o contributo do mercador Garcia Rodrigues, um dos mártires da conquista de Tavira.

78 *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 148-150.

79 *Ibidem*, p. 153. Após Novembro de 1241, Paio Peres Correia apenas esteve em Portugal a 9 de Janeiro de 1244, data da doação de Tavira, e a 27 de Abril de 1245, López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, *op. cit.*, pp. 643-647.

80 *Crónica de Portugal de 1419*, pp. 154-159. Para a data da conquista de Faro, Ventura, L., *D. Afonso III*, Lisboa, 2006, pp. 89-90.

81 A presença do mestre em Faro foi sugerida por David, H. e Pizarro, J. A., “A Conquista de Faro. O reavivar de uma questão”, em *Actas das II Jornadas de História Medieval do Algarve e da Andaluzia*, Loulé, 1989, pp. 121-122. Para o itinerário do mestre, López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, *op. cit.*, p. 649. O autor aceita a presença do mestre em Salir, mas não em Faro, porque entende que ele esteve então envolvido numa segunda conquista de Tavira (*ibidem*, pp. 80-92, 128-133, 164, 175), que nada confirma, nem mesmo a crónica.

82 Veiga, A. C., “Ourique - Val de Vez”, *op. cit.*, pp. 156-157; Durand, R., “Habitats fortifiés et organisation des pouvoirs”, *op. cit.*, pp. 73-74.

de quase todo o vale do Sado. A eles se havia unido, em continuidade geográfica, o curso inferior do Guadiana, por via das doações régias de Mértola, de Alfajar de Pena, de Aiamonte e de Cacela, territórios que se estenderiam para Oeste quando neles se incluiu a vila e o termo de Tavira. Dos outros núcleos cuja conquista a *Crónica* atribuíra ao mestre, como Silves, Paderne e Loulé, a ordem apenas obteria a posse de Aljezur, sobre a costa ocidental, mas num momento posterior e por meio de um escambo com o monarca⁸³. Mas os seus senhorios na península de Setúbal tinham igualmente aumentado, com a entrega do padroado das igrejas de Almada, Palmela e Alcácer, entre 1235 e 1237, ou do castelo e termo de Sesimbra, em 1236, uma vila onde a Coroa instalara uma colónia de francos, mas cuja colonização arrancava com dificuldade⁸⁴. Por estas e outras doações, não admira, pois, que Sancho II fosse um dos dois monarcas por cuja alma os freires de Santiago se obrigavam a rezar três missas, tal como foi prescrito pelos *Estabelecimentos* de 1259⁸⁵.

Mas a ordem não manteve todos os castelos e vilas que conquistara e cujo senhorio fora reconhecido pelo monarca. Com a deposição de Sancho II e a posterior guerra civil que pusera Afonso III no trono, entre 1245 e 1248⁸⁶, o contexto político alterara-se. Parte do problema vinha do passado, da entrega do esforço de guerra a uma ordem com sede em Castela, que se tornara assim o poder preponderante nas terras meridionais, em particular nas antigas zonas de expansão e de fronteira. Desde 1242, é certo, estava ela dirigida por um português, mas este era um homem da confiança de Fernando III e do seu filho herdeiro, Afonso X⁸⁷, que se apressara a requerer, em 1245, a confirmação apostólica das mais recentes doações à milícia e que solicitaria a Fernando III a ratificação de parte das vilas e castelos cedidos por Sancho II — Mértola, Alfajar de Pena e Aiamonte —, depois da morte daquele em Toledo⁸⁸. Para o novo monarca português, a lealdade da ordem e do seu mestre estava longe, portanto, de ser segura, facto que pode explicar a rapidez com que Afonso III planeou o cerco de Faro e o domínio do Algarve. Talvez informado de tudo isto, o mestre pode ter estado em Faro, como se viu, mas manteve depois alguma atenção aos assuntos portugueses, dando foral a Setúbal em Março de 1249, a Aljustrel por finais de 1252 e a Mértola dois anos depois⁸⁹. Seja como for, essas iniciativas não bastaram para vencer as suspeitas do monarca, que ainda não fizera qualquer doação à

83 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, op. cit., p. 138. Trata-se de uma carta de escambo feita em de 1297, pela qual a ordem cedeu a vila de Almada e uma igreja em Lisboa, recebendo Aljezur, além doutros bens.

84 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, op. cit., pp. 70-74; Oliveira, J. A., *Na Península de Setúbal...*, op. cit., pp. 91-94.

85 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, op. cit., p. 33. Para a fonte, Josserand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, op. cit., pp. 840-841.

86 Fernandes, H., *D. Sancho II*, op. cit., pp. 234-248, 260-262; Ventura, L., *D. Afonso III*, op. cit., pp. 59-84.

87 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, op. cit., pp. 31-35; López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, op. cit., pp. 99-104, passim.

88 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, op. cit., pp. 79-82; López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, op. cit., p. 127.

89 *Portvgaliae Monumenta Historica. Leges*, pp. 634, 636-637, 645-7. Igualmente o itinerário do mestre em López Fernández, M., *La Orden de Santiago y el Maestre...*, op. cit., pp. 649-652.

ordem e nem sequer confirmara os senhorios desta no reino⁹⁰. A situação não tardou, porém, a degradar-se, devido ao conflito com Castela sobre a jurisdição do Algarve⁹¹. O castelo de Tavira foi então confiscado à milícia, para ser dado a dois magnates portugueses no âmbito dos acordos de 1253 sobre o Algarve⁹², ao mesmo tempo que Afonso III aumentava a pressão, condicionando a saída de recursos para Castela, ao proibir por finais de 1254 a retirada de prata em barra, ou em moeda, pelos portos do Sul⁹³. Entre estes, estavam os de Almada, Sesimbra, Palmela, Setúbal, Alcácer, Santiago do Cacém, Tavira, Cacela, Aiamonte e Mértola, todos sob jurisdição dos freires de Santiago.

O ambiente viria a desanuviar-se por essa época, mercê da alteração do contexto político na península, com hostilidades na fronteira de Castela com Aragão⁹⁴. A ocasião foi utilizada por Afonso III para captar o mestre para a sua esfera de influência, e, por inícios de 1255, reconheceu a maior parte dos senhorios da ordem, acrescentando-os com novas concessões⁹⁵. Mas socorreu-se de critérios distintos. Se confirmou as antigas doações de Arruda, Almada, Palmela e Alcácer, todas feitas pelo seu avô, Sancho I, optou por fazer novas doações das aquisições obtidas durante o reinado anterior (Aljustrel, Sesimbra, Mértola, Aiamonte e Cacela), sem que entre elas incluísse a vila e o castelo de Tavira. Afirmava, assim, a sua autoridade sobre os bens da milícia e o direito a reescrever a história recente do reino, mas também procurou apaziguar as tensões anteriores, ao apostar no reforço dos laços da família do mestre com a sua corte. Dois anos depois, elevaria dois dos irmãos daquele ao estatuto de magnates, ao confiar-lhes a tenência da terra de Aguiar, vindo a responsabilizar um terceiro, em 1261, por um dos cargos palatinos⁹⁶. Dessa ou doutra forma, era mais difícil que conseguisse condicionar a acção do mestre e da ordem, ou distender os laços destes com o reino de Leão e de Castela. Certo é, pelo menos, que o mestre se manteve próximo de Afonso X e dos seus interesses, e, em data que se ignora, mas entre 1255 e 1267, entregar-lhe-ia os castelos de Alfajar

90 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem de Santiago no reinado de Afonso III”, em *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e da Andaluzia*, Loulé, 1987, pp. 103-104.

91 Mattoso, José “As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, o Sábio”, em *Fragments de Uma Composição Medieval*, Lisboa, 1987, pp. 73-94; Ventura, L., *D. Afonso III, op. cit.*, pp. 138-148.

92 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, pp. 108, 120-123; Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, pp. 100-101.

93 *Portvgaliae Monumenta Historica. Leges*, pp. 253-254; *Descobrimientos Portugueses — documentos para a sua história*, ed. João da Silva Marques, fac-símile da ed. de 1956, Lisboa, 1988, Suplemento ao vol. I, n.º 4, datado aqui de 8 de Dezembro de 1254, ou de 1255. O diploma conservava-se no arquivo da ordem, *Livro dos Copos*, vol. I, coord. Paula Pinto Costa, *Militarium Ordinum Analecta*, n.º 7 (2006), n.º 67.

94 Herculano, A., *História de Portugal...*, *op. cit.*, vol. III, pp. 35, 201 (nota crítica n.º 17 de José Mattoso); Ventura, L., *D. Afonso III, op. cit.*, pp. 142-143.

95 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, pp. 106-107; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago, op. cit.*, pp. 89-92.

96 Ventura, Leontina, *A Nobreza de Corte de Afonso III*, dissertação de doutoramento policopiada, Coimbra, Faculdade de Letras-Universidade Coimbra, 1992, vol. II, pp. 639-41, 1009; Pizarro, J. A., *Linhagens Medievais Portuguesas. Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, 3 vols., Porto, 1999, vol. II, pp. 392, 395-396.

de Pena e de Aiamonte, em troca das vilas de Reina e de Estepa⁹⁷, numa operação que prejudicava as aspirações da Coroa portuguesa. Havia bons motivos, portanto, para a desconfiança do monarca e aquele escambo não ficou esquecido⁹⁸, mas é bem provável que a percepção da deslealdade dos freires estivesse mais difundida. Um depoimento recolhido pelos inquiridores de 1258 em S. João de Transbaceiro, freguesia do julgado de Lamas de Orelhão e hoje lugar da paróquia de Parâmios, do concelho de Bragança⁹⁹, dá conta, de facto, de uma outra conduta do mesmo género. Mesmo que a resposta possa ter sido suscitada pelos inquiridores, a testemunha conhecia os limites entre Leão e Portugal — *scit quod Regnum Portugalie diuidebat con Regno Legionis per outer de Lobos et inde per pena de Conde et inde per Carualias de Quinteela et citra istis diuisionibus stant ville de Muymenta et de Montouto* —, motivo pelo qual não ignorava, dizia, a traição cometida pelos freires de Uclés — *quod villa de Muimenta stabat in Regno Portugalie et modo tenent eam fleires de Vcles et no obediunt Regni Portugalie*¹⁰⁰.

Com a resolução do conflito sobre o Algarve a partir de 1263, e, em particular, com o tratado de Badajoz, que três anos depois transferiu a fronteira para o Guadiana e acarretou a perda das terras a Este deste¹⁰¹, como Alfajar de Pena e Aiamonte, ou Serpa e Moura¹⁰², eliminou-se o foco principal de tensão entre o monarca e a Ordem, mas esta não desapareceu. Na ocasião, a milícia não recuperou o senhorio de Tavira, e, desde 1264, era Afonso III quem exercia poderes soberanos na cidade, entregando bens no termo a servidores e privilegiando os moradores desta, ou outorgando-lhe carta de foral em Agosto de 1266¹⁰³. A cidade não fora incluída nas doações e nas confirmações de 1255 e o monarca agia, portanto, em conformidade, retendo a jurisdição de um núcleo urbano, que tinha, por acréscimo, um importante porto de

97 Veiga, A. C., “Ourique - Val de Vez”, doc. n.º 1, pp. 158-159. Sem data expressa, o escambo deve ter sido feito após 1255, quando Afonso III de Portugal confirmou a posse de Aiamonte à Ordem, e antes de 1267, data da doação de Estepa à milícia, Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*; Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, p. 113. A existência do escambo foi aceite pelos investigadores, Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, p. 115; Ayala Martínez, C., “Frontera Castellano-Portuguesa...”, *op. cit.*, p. 74 e nt. 146.

98 Veiga, A. C., “Ourique - Val de Vez”, doc. n.º 1, pp. 158-159.

99 Para a identificação e a localização da freguesia, Costa, A. J., *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga*, 2ª ed. refundida e ampliada, Braga, 1997, vol. II, pp. 464, 694.

100 *Portvgaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*, Lisboa, 1888-1977, p. 1335b. O testemunho foi valorizado por Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 242; Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, p. 654.

101 Para estes diplomas, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro II e III*, ed. Leontina Ventura, António Resende de Oliveira, Coimbra, 2011, n.º 24 a n.º 31. Entre eles, a renúncia de Afonso X, a 20-IX-1264, ao direito de distribuir as terras do Algarve, de conceder forais aos moradores e de receber as suas apelações em juízo e o tratado de Badajoz, de 16-II-1267, *ibidem*, n.º 26 e 28. Alguns em *As Gavetas da Torre do Tombo* ed. António da Silva Rego, Lisboa, 1960-1977, vol. III, n.º 2760, vol. VIII, n.º 4365.

102 Para o destino do vale superior do Guadiana, Boiça, J., *Serpa na Formação do Reino de Portugal, 1166 -1295*, Serpa, 2018, pp. 128-138.

103 *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, ed. Leontina Ventura, António Resende de Oliveira, Coimbra, 2006, vol. I, n.º 330, 362, 377. Para outros actos do monarca relativos a Tavira e anteriores a 1272, *ibidem*, vol. I, n.º 390 (de 22-V-1268), vol. II, n.º 423 (de 12-VII-1269) e n.º 482 (de 5-II-1270).

mar¹⁰⁴. Mas o controlo da fronteira não estava assegurado, nem resolvidos os problemas postos pelos senhorios que a ordem aí detinha. Se a fronteira de Mértola não suscitava a mesma preocupação, quiçá por não haver um núcleo polarizador do outro lado, por finais de 1271 Afonso III promoveria a fundação do castelo e da vila de Castro Marim, junto à foz do Guadiana¹⁰⁵. Contra essa iniciativa, protestou o mestre e a ordem ainda antes de finais do ano, lembrando que a nova vila se fazia em terras do termo de Cacela¹⁰⁶, mas o propósito do monarca não era um pretexto e vinha com outros objectivos. Pouco depois dava lugar, de facto, a um processo judicial, que contestava os termos e as doações não apenas de Cacela, mas igualmente de Tavira, assim como os direitos cobrados sobre os bens que entravam pelo Guadiana com destino a Mértola¹⁰⁷. Como seria de esperar, a demanda resolveu-se em Janeiro de 1272 através de um compromisso, por meio de uma sentença arbitral que entregou o senhorio daquelas vilas à Coroa, mas que reconheceu à milícia a posse de vários bens rústicos e urbanos, mais os padroados de diversas igrejas em Tavira, Cacela e Castro Marim, acrescidos de iguais direitos em S. Maria de Faro, então doados por Afonso III¹⁰⁸.

O novo entendimento favorecia sobretudo o monarca. Com ele, não só se solucionara de forma satisfatória uma herança incómoda do passado, como se reescrevera inclusive a história do reinado anterior. Em respeito pelo que decidira a sentença, a de 7 de Janeiro de 1272, em Lisboa, o mestre renunciou às doações de Tavira, de Cacela e de Castro Marim, feitas por Sancho II e por Afonso III, bem como às confirmações respectivas, dadas por qualquer outra autoridade civil e eclesiástica¹⁰⁹. Do ponto de vista prático, Afonso III reafirmava igualmente a autoridade sobre um território até há pouco disputado, assegurando o controlo da fronteira com Castela, a principal razão por detrás da fundação de Castro Marim. Deve datar destes anos a construção do castelo da vila, facto recordado por uma epígrafe de 1274, que ainda se encontra sobre a porta de acesso ao reduto interior,

104 Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, pp. 101-102. Para a reserva das principais cidades pelos reis castelhanos, Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 112-113.

105 A mais antiga notícia de Castro Marim encontra-se na procuração que o capítulo geral de Santiago deu em Mérida ao comendador de Santiago do Cacém, em Novembro de 1271, Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, pp. 126-127; *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, nº 720; *ibidem, Livro II e III*, nº 54. O facto fora notado por Azevedo, R. “Período de formação territorial...”, *op. cit.*, p. 63. Para Mértola e o controlo do território até Aracena, Macias, S., *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*, 3 vols., Mértola, 2005, vol. I, pp. 74-76, 81-83.

106 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, nº 6; *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, nº 720; *ibidem, Livro II e III*, nº 54, p. 302: “et Castro Marim quod dicimus esse in terminis ipsius Caçalle”.

107 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, nº 6, 1987; *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, nº 720; *ibidem, Livro II e III*, nº 54.

108 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, nº 7, 1987; *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, nº 720; *ibidem, Livro II e III*, nº 54.

109 *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, nº 726. A 20 de janeiro de 1272 (*ibidem*, nº 727), foram depositadas na casa do Pregadores de Lisboa a doação de Tavira por Sancho II e a confirmação dela por Inocêncio IV. Um dos três juizes da sentença de 1272 fora frei Geraldo, um dominicano de Lisboa.

hoje conhecido como “Castelo Velho”¹¹⁰. Três anos depois, a 8 de Julho, o rei outorgaria carta de foral aos povoadores da nova vila, tomando como modelo o foral de Lisboa, aquele que fora comunicado aos outros núcleos urbanos da região¹¹¹. Em contrapartida, o mestre e a ordem ficaram sem os principais senhorios e sem uma das cidades portuárias mais dinâmicas do Algarve¹¹². Nem todas estas perdas foram definitivas e a milícia reaveria o domínio de Cacela por finais do século XIII¹¹³, mas a vila perdera entretanto o estatuto de fronteira e o seu termo já não tinha a dimensão definida por Sancho II em 1240, amputada que fora pela criação da povoação de Castro Marim, e depois pela de Alcoutim¹¹⁴. O seu património em Tavira nunca recuperou, no entanto, a importância anterior. Segundo a sentença de 1272, na cidade apenas tinha umas casas doadas pelo rei, mais a herdade da Gomeira, junto à actual vila de Cabanas, além do padroado da igreja de S. Maria e das igrejas situadas no termo¹¹⁵. A milícia nem sequer possuía o exclusivo da administração eclesiástica e sofria a concorrência local do bispo de Silves, a quem o monarca doara a igreja de Santiago de Tavira, em Fevereiro de 1270¹¹⁶. Com ele estava doravante forçada a dividir a assistência aos fiéis e as esmolos que estes faziam. Talvez tudo isso possa explicar, por outro lado, porque os bens da cidade nunca foram organizados em comenda, estando as rendas deles afectas a vários comendadores pelas regras dos *Estabelecimentos* de 1327¹¹⁷.

A autoridade dos monarcas e a autonomia da Ordem

Com a afirmação da autoridade da Coroa, que se acentuará com outras medidas nos anos seguintes e era fenómeno comum a outros reinos da península¹¹⁸, condicionava-se a actividade da milícia e diminuía-se a sua margem de autonomia, mas

110 Barroca, M., *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Lisboa, 2000, vol. II, t. I, n.º 385. Comemora a epígrafe o povoamento da vila por Afonso III, mas a iniciativa é três anos anterior, como já se indicou.

111 *Portugaliae Monumenta Historica. Leges*, pp. 734-736.

112 Oliveira, L. F., “A ordem de Santiago e a conquista...”, *op. cit.*, pp. 101-102.

113 Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 137.

114 Para Alcoutim, Oliveira, L. F., “A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim”, em *O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno. Actas*, Alcoutim, 2004, pp. 6-11.

115 Marques, J., “Os castelos algarvios da Ordem...”, *op. cit.*, n.º 6, 1987, pp. 127-128; *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, n.º 720; *ibidem*, Livro II e III, n.º 54.

116 *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, n.º 482 (de 5-II-1270).

117 Barbosa, I. L., “A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: normativa e prática”, *Militarium Ordinum Analecta*, n.º 2 (1998), doc. E, p. 233; Ayala Martínez, C., “La escisión de los santiaguistas portugueses: algunas notas sobre los establecimientos de 1327”, *Historia, Instituciones, Documentos*, n.º 24 (1997), p. 64, n.º 5.

118 Para outras medidas do monarca, todas regulando os senhorios da ordem, *Chancelaria de D. Afonso III. Livro I*, vol. II, n.º 723, 724, 725 e 728; *ibidem*, Livro II e III, n.º 51 Para o quadro geral, Ayala Martínez, C., “Las órdenes Militares y los procesos de afirmación monárquica en Castilla y Portugal (1250-1350)”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, 2ª sér., vol. 15 (1998), pp. 1288 e ss.; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, *op. cit.*, pp. 709-731; Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, pp. 523-582.

esta não desaparecia. Era bem mais difícil controlar, na verdade, as decisões tomadas pelo mestre e pelas estruturas conventuais em Castela, que estavam sujeitas a outras pressões e implicadas, às vezes, noutros problemas, ou noutros cenários de guerra, mas que nem por isso deixavam de respeitar a todas as comendas e a todos os freires¹¹⁹. As mais importantes delas, e, também, de certa forma as mais visíveis à época, posto que hoje mal documentadas, eram as que implicavam a movimentação de freires e de recursos entre os distintos reinos¹²⁰. Como se viu, três dos comendadores de Alcácer haviam daí partido para serem eleitos mestres de Uclés, embora um deles, Martim Pais Barregão, tivesse vindo por certo de Castela, já que era natural de Madrid¹²¹. Não era caso único, sendo provável que fossem leoneses, ou castelhanos, muitos dos freires que se fixaram no reino em 1172, ou que se alojariam depois em Alcácer e em Palmela, se bem que o prior desta em 1194 pudesse ser português, como já foi assinalado¹²². Não deviam ser menos entre aqueles que vieram com Paio Peres Correia em 1232 e que participaram nas conquistas do Alentejo e do Algarve, alguns deles talvez incluídos entre os mártires da conquista de Tavira, como já foi aventado¹²³. Na falta de dados seguros, nem sempre é fácil reconhecê-los, dada a semelhança da onomástica no ocidente peninsular, mas era esse o caso de Estêvão Mendes e de Mem Fernandes, ambos apresentados como freires de Uclés na Lisboa de finais do século XIII¹²⁴. Era menos ambígua a origem de Martín Gascon e de Fernán Gascon — o primeiro foi comendador de Segura antes de ser provido na comenda-mor do reino, entre 1303 e 1310 —, ou de Estêvão Fernandes Alazanza, outro comendador-mor de 1273 a 1287 e cujo apodo sugere uma procedência castelhana¹²⁵. Em sentido inverso, de Portugal para Castela, os exemplos não se resumem aos freires e aos cavaleiros portugueses que foram com Paio Peres Correia

119 Lomax, D., *La Orden de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 58-65, 83-84; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 131 e ss. Também Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, *op. cit.*, pp. 193-208; Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, pp. 328-339; Oliveira, L. F., *A Coroa, os Mestres e os Comendadores. As Ordenes Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*, Faro, 2009, pp. 90-147.

120 Para um panorama, *International Mobility in the Military Orders. (Twelfth to Fifteenth Centuries): Travelling on Christ's Business*, ed. Jochen Burgtorf, Helen Nicholson, Cardiff, 2006; Bronstein, J., *The Hospitallers and the Holy Land. Financing the Latin East, 1187-1274*, Woodbridge, 2005. Para Castela e Portugal, Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, pp. 594-609.

121 *Bullarium Equestris Ordinis S. Iacobi*, catálogo dos mestres; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 46.

122 Martín, J. L., *Orígenes de la Orden...*, *op. cit.*, pp. 153, 156; Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, p. 41.

123 López Fernández, M., "Los cristianos en Tavira: El Dominio Santiaguista", em *Tavira. Território e Poder. Catálogo da Exposição*, Lisboa, 2003, p. 174; Oliveira, L. F., "Da defesa da fronteira à guerra no mar: A Coroa e as Ordenes Militares", em *Guerra santa y cruzada en el Estrecho: El occidente peninsular en la primera mitad del Siglo XIV*, ed. C. Ayala Martínez, J. Santiago Palacios Ontalva, Martín Rios Saloma, Madrid, 2016, p. 278.

124 Oliveira, L. F., "As Ordenes Militares e o Mar: Problemas e perspectivas", em *O Mar como Futuro de Portugal (c. 1223- c. 1448): A propósito da contratação de Manuel Pessanha como Almirante por D. Dinis*, Lisboa, 2019, p. 139.

125 Oliveira, L. F., "As Ordenes Militares e o Mar...", *op. cit.*, pp. 139-140. Com base no apelido do primeiro destes freires, Jossierand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, p. 466, sugeri que se tratava de um francês, originário da Gasconha, mas o indicio pode apontar para um basco. Mais certa, é a sua passagem pela comenda de Segura.

até Castela e que por lá fizeram carreira¹²⁶. Pode juntar-se-lhes um comendador de Uclés e outro de Segura, Garcia Lourenço e Pedro Ponce, este em 1258, aquele de 1243 a 1245¹²⁷, ou Pero Guilherme de Portugal e Martim Lopes de Portugal, o último na comenda de Moratilla em 1242, e, depois, talvez, nas de Leão e de Portugal¹²⁸. E, sobretudo, o caso de Afonso Martins de Oliveira, que foi comendador-mor de Leão e cujo testamento de Maio de 1302 está há muito estudado e publicado¹²⁹.

Não era menos intenso o trânsito de outros recursos, das armas, aos cavalos e dinheiros, posto que as notícias dessas transferências não sejam, por regra, muito abundantes¹³⁰. As mais frequentes eram as que se faziam das casas da retaguarda para a fronteira, como acontecia com as rendas e as dízimas da Arruda, mas não era raro que outras houvesse entre os distintos reinos, em resultado das necessidades do momento. Os freires deslocados para Alcácer, ou Palmela, ou os que integravam a escolta dos comendadores providos na comenda-mor, como Martim Barregão e Paio Peres Correia, entre outros, viajavam com armas e cavalos, ou com as provisões exigidas pelo seu modo de vida e pela sua missão. Esta situação alterar-se-ia radicalmente por meados do século XIII, com o termo da guerra de conquista e com o afastamento da fronteira portuguesa dos combates contra o Islão¹³¹. A partir dessa época, os castelos e as comendas do reino perderam a anterior valia militar e transformaram-se numa enorme retaguarda, apta a gerar freires e recursos para os confrontos que tinham lugar na fronteira de Sevilha e de Granada¹³². Desse tráfego que a milícia dirigia para Castela dá conta a proibição de saída de prata do reino,

126 David, H., Pizarro, J. A., "Nobres portugueses em Leão e Castela (século XIII)", em *Actas de Las II Jornadas de Historia sobre Andalucía y el Algarbe (siglos XIII -XVIII)*, Sevilha, 1990, pp. 7-8; López Fernández, M., "Medina de las Torres", *op. cit.*, pp. 523-527, 532-537; David, H., "Os portugueses nos Livros de Repartimiento da Andaluzia (século XIII)", em *Actas das I Jornadas de Historia Medieval do Algarve e Andaluzia*, Loulé, 1987, pp. 271 -296.

127 *Bullarium Equestris Ordinis S. Iacobi*, catálogo dos comendadores-mores; Rivera Garretas, M., *La Encomienda, El priorato y la villa de Uclés en la Edad Media (1174 -1310). Formación de un senorio de la Orden de Santiago*, Madrid, 1985, p. 538. O Bulário identifica os dois como *Lusitanus*, associando Garcia Lourenço aos de Gundar, linhagem aparentada com Paio Peres Correia, já que a avó materna do mestre era Estevainha Mendes de Gundar, *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Portugaliae Monumenta Historica*, nova série, vol. II, 2 tomos, ed. J. Mattoso, Lisboa, 1980, LL 58AE5. Em relação a Pedro Ponce, nada sugere que este se possa identificar com Pero Ponce das Astúrias (Pizarro, J. A., *Linhagens Medievais*, vol. I, p. 249), pois este era de Zamora e personagem de inícios do século XIV, Krus, L., *A Concepção Nobiliárquica do Espaço Ibérico (1280-1380)*, Lisboa, 1994, p. 258, nt. 620.

128 Rivera Garretas, M., *La Encomienda, El priorato, op. cit.*, nº 181, 183 e 184; López Fernández, M., *La Orden de Santiago y...*, *op. cit.*, pp. 673-674.

129 Benavides, A., *Memorias de D. Fernando IV de Castilla*, Madrid, 1960, t. II, nº CCVII, pp. 299-307; Gautier-Dalché, J., "Le Testament D'Alonso Martinez de Olivera. Una fortune nobiliaire et une mentalité au début du XIV siècle", *Annales de la Faculté de Lettres et Sciences Hmaines de Nice*, nº 30 (1978), pp. 7 -24.

130 Bronstein, J., *The Hospitallers and the Holy...*, *op. cit.*, pp. 2, 42, 99-102; Josserand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, p. 594; Josserand, Ph., "Et succurere Terre sancte pro posse : les Templiers castillans et la défense de l'Orient latin au tournant des XIII et XIV siècles", em *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente, Actas do V Encontro sobre Ordens Militares (15 a 18 de Fevereiro de 2006)*, coord. Isabel Cristina Fernandes, Palmela, 2009, pp. 421-432.

131 Oliveira, L. F., "Da defesa da fronteira à guerra no mar...", *op. cit.*, pp. 276-277.

132 Para um panorama e para a análise do papel das ordens nesta fronteira, O'Callaghan, J., *The Gibraltar Crusade. Castille and the Battle for the Strait*, Philadelphia, 2011, pp. 29-31, 41-49; Josserand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, pp. 240-255.

decidida em finais de 1254 por Afonso III e aplicada sobretudo nos portos controlados pela ordem¹³³. Os volumes de prata lavrada, em barra, ou em moeda, que por eles se escoavam não seriam modestos, uma vez que o monarca prometia a terça parte do metal apreendido aos seus homens naqueles lugares. Dos contributos que os mestres impunham às rendas de cada comenda nada se sabe¹³⁴, mas era vulgar que os bens e as casas livres fossem cedidos em préstamo, em regra justificados por importantes contrapartidas financeiras. Destas concessões onerosas há várias notícias, sobretudo para o século XIV¹³⁵. Entre elas, duas feitas pelo mestre Diego Muniz são particularmente esclarecedoras, por nelas se ter acrescentado que as verbas assim conseguidas seriam aplicadas na manutenção dos castelos da fronteira e na guerra contra os mouros¹³⁶. Para dar satisfação, por certo, a algumas das obrigações da milícia, mas em castelos e em guerras desenvolvidas fora do reino, na fronteira da Andaluzia, portanto. Não admira, por tudo isso, que numa memória posterior, escrita em redor de 1318, no âmbito da separação do ramo português, se tivessem inventariado os préstamos feitos pelos mestres gerais desde os tempos de Paio Peres Correia¹³⁷. Além destas delapidações, a forma como eram então categorizadas as alienações dos bens da milícia, também aí se registaram com o mesmo cuidado as transferências de dinheiro, de armas e de cavalos para Castela¹³⁸.

Não era fácil que os monarcas tolerassem esta situação de boa mente, permitindo que os recursos do reino e as esmolas captadas pelos freires fossem utilizadas em benefício doutros reis, vizinhos ou mesmo rivais. Se era antiga a preocupação em subordinar a ordem ao serviço do rei e à defesa do reino, como revelam as doações do século XII e como lembrou Afonso III em 1271, ao exigir que o seu legado de mil libras fosse gasto em benefício das comendas portuguesas¹³⁹, só por esta época é que se começava a dispor dos meios para fazer valer os interesses da Coroa¹⁴⁰. O monarca tinha afirmado, é certo, a sua autoridade no espaço do reino, com os senhorios da ordem reposicionados numa posição dependente e subalterna, mas para vencer os obstáculos criados por uma instituição religiosa de dimensão peninsular, houve que contar com o concurso de Roma. A solução só surgiria no reinado

133 *Portvgaliae Monumenta Historica. Leges*, pp. 253-254; *Descobrimientos Portugueses*, Supl. ao vol. I, nº 4.

134 Esse contributo equivalia, em regra, ao terço das rendas de cada comenda, mas é provável que a taxa fosse mais baixa na península, sem ir além da décima parte, Riley-Smith, J., *The Knights Hospitaller in the Levant, c. 1070-1309*, Basingstoke, 2012, pp.189 -190; Forey, A., *The Templars in the Corona of Aragón*, Londres, 1973, p. 323; Josserand, Ph., *Église et Pouvoir dans...*, *op. cit.*, p. 596 e nt. 78.

135 Oliveira, L. F., "As Ordens Militares e o Mar...", *op. cit.*, p. 140-141.

136 *Ibidem*, p. 141.

137 Veiga, A. C., "Ourique - Val de Vez", *op. cit.*, pp. 158-161, nº 43 a nº 70.

138 *Ibidem*, p. 165 nº 100. O envio de cavalos e doutras provisões foi recordado num diploma de 1317, por ocasião de embaixada enviada a Roma, *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. II, nº 901, p. 411.

139 Oliveira, L. F., "As Ordens Militares e o Mar...", *op. cit.*, p. 140.

140 Mattoso, J., *Identificação de Um País: ensaio sobre as origens de Portugal, 1096-1325*, Lisboa, 1985, vol. II, pp. 151-165; Ayala Martínez, C., "Las órdenes militares y los procesos", *op. cit.*, pp. 1279-1312; Ayala Martínez, C., *Las Ordenes Militares Hispánicas...*, *op. cit.*, pp. 709-731; Josserand, Ph., *Église et Pouvoir*, *op. cit.*, pp. 523-582.

seguinte, quando Nicolau IV evocou a delapidação das comendas do reino e autorizou, a 15 de Maio de 1290, a eleição de um mestre provincial¹⁴¹. O processo não foi linear e conheceu alguns retrocessos, mas consolidar-se-ia ao longo das primeiras décadas da centúria seguinte¹⁴². A milícia seria então sujeita a uma reorganização interna, com a distribuição do seu património por 31 comendas e por 61 freires e com a aprovação do primeiro conjunto de estabelecimentos, em Maio de 1327¹⁴³. Pela aprovação formal dessas decisões e pelo depósito de uma cópia delas na chancelaria régia, o monarca inaugurava um tempo novo e adaptava a ordem a outras missões, diversas das que haviam sido previstas pelos seus fundadores.

*

Como uma instituição fundada em Cáceres, no reino de Leão, mas que cedo ganhou dimensão peninsular e se projectou mesmo para além desta, para outros reinos do Ocidente e para Jerusalém, a Ordem de Santiago tinha uma estrutura internacional que nem sempre casava da melhor forma com os interesses particulares de cada reino e de cada monarca. Como se viu, o rei português procurou atraí-la para a defesa da linha do Tejo, doando-lhe um património coerente, formado pela vila de Arruda e pelos castelos de Monsanto, de Abrantes, de Almada e de Alcácer, mas essa oferta dificilmente competia com a origem leonesa da milícia, nem tinha condições para igualar as doações do monarca castelhano, que conseguiria deslocar o convento da ordem para a vila de Uclés, após a perda de Cáceres. O contexto criado por esta concorrência entre os monarcas peninsulares, mas também pelo aumento da pressão almóada sobre as fronteiras, parece estar por detrás da trajetória da milícia em Portugal, e, sobretudo, da reconfiguração dos seus senhorios nos anos oitenta do século XII, quando esta foi afastada da fronteira com Leão e foi vinculada com a defesa do flanco sul de Lisboa.

Nas décadas seguintes, a actuação dos freires acomodou-se mais de perto aos interesses da Coroa portuguesa. Primeiro na aproximação a Alcácer e na conquista desta cidade, depois no domínio dos vales do Sado, do Guadiana e das planícies do Algarve, embora estas fossem vistas como parte do grande cerco a Sevilha. Ao que tudo indica, nessas operações a milícia mobilizava homens e recursos de outros reinos e muitos dos freires e dos cavaleiros da hoste de Paio Peres Correia seguiram com ele quando este foi eleito comendador-mor e mestre de Uclés. Mas a entrega pelo rei português do esforço de guerra aos freires de Santiago, em particular a partir da conquista de Aljustrel, criaria depois um conflito fronteiriço com Castela, ao

141 Lomax, D., "El Rey Don Dinis y la Orden de Santiago", *Hidalguia*, nº 30 (1982), pp. 477-487. Também Fernandes, I. C., Oliveira, L. F., "As Ordens Militares no Reino de Portugal", em *As Ordens Militares na Europa Medieval*, coord. Feliciano Novoa Portela e Carlos de Ayala Martínez, Lisboa, 2005, p. 148.

142 Além das referências da nota anterior, Cunha, M. S., *A Ordem Militar de Santiago...*, *op. cit.*, pp. 156-169; Oliveira, L. F., *A Coroa, os Mestres...*, *op. cit.*, pp. 39-40, 256.

143 Barbosa, I. L., "A Ordem de Santiago em Portugal", doc. E; Ayala Martínez, C., "La escisión de los santiaguistas portugueses...", *op. cit.*, pp. 53-69; Oliveira, L. F., *A Coroa, os Mestres...*, *op. cit.*, p. 34 e nt. 8.

mesmo tempo que intensificava as suspeitas sobre a filiação castelhana da milícia e do mestre que a dirigia. Se a questão da fronteira ficou resolvida com algumas perdas, a redução da autonomia da ordem e a sua sujeição aos interesses do monarca era um problema mais delicado. Para controlar uma instituição dirigida desde Uclés, que olhava as comendas do reino como uma *rectaguarda* das operações na fronteira de Sevilha e de Granada, houve que dispor dos meios adequados e que mobilizar a assistência da Santa Sé. Desprovidos desse auxílio, os freires do reino não teriam podido eleger um mestre provincial e separar-se da sede em Castela, nem assim inciar uma nova fase da sua história no reino.

Fecha de recepción / *Date of reception* / Data de recepción: 15-V-2020

Fecha de aceptación / *Date of acceptance* / Data de aceptación: 12-VII-2020